



A CRÔNICA E O OLHAR CRÍTICO DO SÉCULO XX

Lealis Conceição GUIMARÃES*

Resumo:

Esta pesquisa objetiva apresentar um estudo sobre o gênero crônica no Brasil, através da visão de alguns críticos literários brasileiros do século XX, como Antônio Cândido, Afrânio Coutinho, Davi Arrigucci Júnior, Massaud Moisés, Eduardo Portela e Luiz Costa Lima.

Abstract:

This research aims at presenting a study about the chronicle in Brazil, through the vision of some 20th Century Brazilian literary critics, like Antônio Cândido, Afrânio Coutinho, Davi Arrigucci Júnior, Massaud Moisés, Eduardo Portela e Luiz Costa Lima.

Unitermos: crítica literária, crônica, Brasil

Key-words: literary criticism, chronicle, Brasil

Introdução

Especialmente no Brasil, a partir de meados do século XIX, iniciou-se uma relação muito íntima entre literatura e jornalismo e a crônica aqui se estabeleceu com vestimenta nova, semelhante aos "*feuilletons*" franceses.

Esta pesquisa objetiva apresentar um estudo sobre a evolução desse tipo de texto no Brasil através da visão de alguns críticos literários do século XX, como Antônio Cândido, Afrânio Coutinho, Davi Arrigucci Júnior, Massaud Moisés, Eduardo Portela e Luiz Costa Lima. Pretende-se mostrar aqui o olhar que cada um dos ensaístas citados lança para a crônica brasileira, estabelecendo um cruzamento de opiniões sobre o assunto.

*Docente de Língua Portuguesa do CESULON e mestranda da UNESP, Assis-SP.

Esse gênero literário teve início, em território nacional, com Francisco Otaviano, em folhetim no **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro, em 1852. Ele escreveu também no **Correio Mercantil** do Rio de Janeiro até 1854, quando foi substituído por José de Alencar que escrevia alternado-se com Joaquim Manuel de Macedo. Essa modalidade literária atingiu seu apogeu com Machado de Assis que iniciou suas atividades desse gênero em 1859, na revista **O Espelho**, também no Rio de Janeiro. Então a crônica iniciou um caminho de uma valorização ascendente, como comenta Eduardo Portela:

"de um instrumento de comunicação amorfo e incolor converteu-se num gênero literário extremamente matizado, a ponto de se ter ajustado à trama existencial complexa da sociedade de massa" (1973, p.134).

Para atender aos anseios do leitor pertencente a essa sociedade, o cronista passeia por todos os assuntos, esvoaçando entre grandes e pequenos fatos. Pode-se justificar essa preocupação da crônica porque, até o século XIX, não havia público para o escritor brasileiro e, "embora o romantismo já tivesse tipografias à sua disposição, a literatura continuava cúmplice da oralidade", no dizer de Luiz Costa Lima (1981, p.7).

A Crônica e o Olhar Crítico do Século XX

Dando destaque à crítica literária do século XX relativa à crônica, apresentam-se alguns comentários importantes para melhor compreender a situação desse tipo de narrativa na literatura brasileira.

Em "Ensaio e Crônicas", Afrânio Coutinho apresenta a evolução histórica da crônica brasileira. Segundo o autor, a crônica se firmou em solo brasileiro como deterioração do sentido original do ensaio inglês ("personal" ou "familiar essay"), justamente por sua estreita relação com a palavra falada. Cita cronistas expressivos desde Francisco Otaviano, passando por José de Alencar e Machado de Assis, até o século XX, com João do Rio, Rubem Braga e outros, classificando-os em categorias, de acordo com características predominantes em seus textos. Ele se preocupa também em tecer algumas considerações a respeito da linguagem e do estilo da crônica, bem como de sua relação com a reportagem, com a literatura e com a filosofia.

Outro crítico, Eduardo Portela, ao escrever "Visão Prospectiva da Literatura no Brasil", realça o aspecto predominantemente nacional que se impõe na literatura brasileira desde suas primeiras manifestações e ressalta a crônica como um exemplo específico, de Machado de Assis a Sérgio Porto. Reflete sobre o ser literário e o ser brasileiro, sobre o valor e a função da paraliteratura (literatura de massa, também denominada preliteratura, semiliteratura, antiliteratura ou posliteratura), sobre a natureza da literatura e ainda sobre a importância da crônica, injustamente marginalizada. A crônica como literatura, um "signo-em-si", é um fato histórico peculiar da literatura brasileira contemporânea. Ao final do ensaio, o autor faz considerações sobre a arte literária, o signo verbal e a poética (o ser e o fazer, a natureza e a função, a qualidade e a quantidade).

"Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil", de Luiz Costa Lima, mostra primeiramente uma reflexão geral sobre o sistema intelectual brasileiro inexistente devido a uma cultura essencialmente auditiva, não havendo público real para

o escritor do país. Por conseguinte, o intelectual brasileiro, educado nos princípios da praticidade, deve "*ser especialista no verbo fácil, na palavra comovente*" (1981, p.8). A crônica é o gênero mais representativo desse escrever brasileiro da cultura auditiva. O autor destaca algumas características importantes do sistema intelectual brasileiro: trata-se de uma cultura predominantemente auditiva, de uma cultura voltada para fora, de um sistema que não possui um centro próprio de decisão.

O crítico Antônio Cândido escreveu o ensaio "A vida ao rés-do-chão" em que faz a exposição do gênero crônica como parte de um processo de humanização da literatura brasileira, principalmente pela sua aparência de conversa fiada "*do simples rés-do-chão*" (1992, p.14), mesmo quando em forma de monólogo. A crônica, produto "*sui-generis*" do jornalismo literário brasileiro, é analisada pela magia de sua linguagem dialógica, pelo seu humor, bem como pelo seu caráter transitório estreitamente ligado ao jornal. O ensaísta afirma que a consolidação do gênero no Brasil se deu por volta de 1930, com o aumento do número de bons escritores jornalistas. Ele comenta também sobre o viés utilizado pela crônica, valorizando o texto por fazer assuntos sérios parecerem conversas despreziosas.

Já Davi Arrigucci Júnior, em "Fragmentos sobre a Crônica", analisa a crônica como gênero em permanente relação com o tempo por ser resultado de "*lembrar e escrever*", apresentando sua evolução desde os tempos em que era narração da história até os dias de hoje, passando pela sua entrada no jornal através do folhetim, no século XIX. Menciona José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio e "*um punhado de grandes escritores*" do modernismo que fizeram da sua conversa com o leitor, através da crônica, "*uma arte da desconversa*" (1987, p.64). O ensaio, dividido em seis partes, ressalta a relação dialógica e ambígua da crônica borboleteando em torno do fato, a sua penetração psicológica e social, o seu humor característico e a maneira como consegue a valorização da linguagem do cotidiano.

O texto "A Crônica", de Massaud Moisés, revela o significado da palavra crônica, as mudanças que este gênero sofreu através dos tempos, desde o início da era cristã como relato de fatos em sequência cronológica até libertar-se dessa conotação historicista, na época moderna. Apresenta ainda as diferenças entre a reportagem puramente jornalística e a crônica literária inserida no jornal como "*alimento de consumo imediato, de cômoda ingestão*" (1982, p.250). Estabelecendo comparações entre a crônica e o ensaio, a poesia e o conto, insiste na subjetividade daquele gênero narrativo como obra literária em estilo monodialógico marcado pela oralidade.

Dentre os críticos citados, apenas Antônio Cândido se refere explicitamente à crônica com a expressão "*gênero menor*", tendo em vista a comparação valorativa daquela com os chamados "gêneros maiores" como o romance, o drama e a poesia. No entanto percebe-se que essa classificação não a desvaloriza porque, mesmo estando tão próxima do cotidiano das pessoas, ela consegue mostrar despreziosamente a beleza singular e descompromissada de pequenos assuntos, desprezados pelos gêneros maiores. O seu caráter efêmero se deve ao fato de estar inserida no jornal, um veículo de comunicação da era da máquina. E assim explica Antônio Cândido:

"Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em 'ficar', isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão" (1992, p.14).

Eduardo Portela define a crônica como um "posgênero literário", sendo literatura de massa e possuindo a flexibilidade que a torna "uma narrativa estruturalmente aberta" (1973, p.154).

Para Luiz Costa Lima, a crônica, sendo resultado escrito de uma cultura auditiva, seduz "por seu tom acariciante de conversa à beira da rede ou ao pé do fogo, de conversa despreocupada" (1981, p.17). O seu sucesso evidencia a busca da oralidade na escrita. Esse tom que Massaud Moisés chama de "caráter sui generis" é a nova forma adquirida pelo gênero, quando se aclimatou ao Brasil no século XIX, como especificamente ligado ao jornalismo. No entanto, Luiz Costa Lima chama a atenção para o fato de o escritor se esforçar para não cansar o leitor, prendendo-o cada vez mais à leitura do texto.

Alguns afirmam ser a crônica originária do folhetim francês e outros dizem que imita o exemplo dos ensaios ingleses. Independentemente disso, o que se sabe com certeza é que, com o tempo, o texto foi se adaptando à realidade brasileira, propagando-se através de um veículo de comunicação popular, o jornal. Desde o início, a crônica brasileira caracterizava-se pelo lirismo, devido à atmosfera romântica reinante na época do advento do jornal no país. Ela deveria servir para o entretenimento das pessoas, apresentando periodicamente os fatos da semana, de cada quinze dias ou do mês, buscando as preferências da sociedade e, em especial, do mundo feminino.

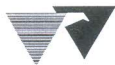
A crônica, sendo literatura, redescobre a informação, retirando sua pesada função meramente referencial, através da linguagem elaborada esteticamente pelos cronistas. Na verdade, a crônica não surgiu com o jornal, porém apenas quando este veículo de informação passou a ser cotidiano, portanto mais acessível ao público leitor. Um dos ingredientes para livrar a crônica de ser uma simples reportagem é o humor que gera uma fina ironia perpassando todo o texto.

Considerações Finais

Assim sendo, a crônica, recriando o cotidiano através da ficção, situa-se entre a simples reportagem jornalística e a literatura. Após afirmar que "a crônica move-se entre ser *no* e *para* o jornal", Massaud Moisés também define o cronista como "o poeta ou o ficcionista do cotidiano" (1982, p.247).

Realçando a simplicidade e a humanização da crônica, diz Antônio Cândido: "... por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia" (1992, p.190).

Além de Machado de Assis e José de Alencar, o século XIX teve ainda outros expressivos cultivadores do gênero, tais como França Júnior e Olavo Bilac, já no final do século. Antônio Cândido assevera que "a leitura de Olavo Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem" (1992, p.16).



Daí para cá foi um longo percurso chegando à fórmula moderna que mescla poesia e humor, atingindo um alto grau de amadurecimento literário. Os cronistas modernos brasileiros tornaram-se analistas críticos da realidade da vida humana transformada em literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. "Fragmentos sobre a Crônica". In: **Enigma e Comentário.: ensaio sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987, p.51-66.
- CÂNDIDO, Antônio. "A vida ao rés-do-chão". In: CÂNDIDO et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.13-22.
- COUTINHO, Afrânio. "Ensaio e Crônica". In: **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, v.6, 1968, p.105-128.
- LIMA, Luiz Costa. "Da Existência Precária: o sistema intelectual no Brasil". In: **Dispersa Demanda**. Rio de Janeiro: Francisco alves, 1981, p.3-27.
- MOISÉS, Massaud. "A Crônica". In: **A Criação Literária: Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1982, p.245-258.
- PORTELA, Eduardo. "Visão Prospectiva da Literatura no Brasil". In: **Teoria da Comunicação Literária**. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1973, p.145-162.